

entremarés

Ana Sant'Anna e
Anália Moraes

GALERIA
MARILIA
RAZUK

10.05.25 - 14.06.25

CURADORIA JACOPO CRIVELLI VISCONTI

Ana tem um caderno no qual vai anotando pensamentos, reflexões esparsas, ideias. A escrita é tão ordenada e precisa que a folha parece pautada, mas não é: é vazia e branca, como uma tela antes que se comece a pintar. As pinturas da Ana são calmas e ordenadas como sua escrita. Representam uma paisagem ao anoitecer, a espuma de uma onda, uma neblina delicada, uma estrela que surge onde há pouco estava a lua. Talvez, para ela, pintar seja uma tentativa de parar o tempo, como se tendo todo o tempo do mundo, desse para segurar na mão esse mundo que se dissolve o tempo todo. É como ir para a praia para ver o mar, escreve ela. O mar é o de Salvador, e esse "como" parece indicar uma relação com algo que veio antes, ou talvez algo que virá depois, mas no texto de onde é retirada, a frase de certa maneira está tão sozinha e fechada em si mesma quanto aqui. Como se não precisasse fazer totalmente sentido. Quando se escreve para si, e não para os outros, há coisas que não precisam ser explicadas, porque é como pensar — e pensar é sempre para si, nunca para os outros. Há algo nas pinturas da Ana, desconfio eu, que é quase como um pensamento, algo que é só dela. Ir até a praia, sentar-se um pouco, olhar o mar, prestar atenção no movimento das nuvens, das ondas, nas mudanças sutis da cor do céu, fuçar na areia até achar um seixo ou uma concha, uma coisinha de nada, maravilhosa, perfeita. Gestos como esses constituem o âmago, o elemento mais profundo e central da vida e da prática artística da Ana. E da Anália. Tão profundo e central que não precisa ser explicado, não precisa se justificar através de algo que veio antes, ou talvez algo que ainda virá. Como um pensamento. Como ir à praia ver o mar.

Anália vai à praia ver o mar, muitos de seus dias começam assim. Ou acabam assim. Os melhores, suspeito eu, começam e acabam assim. Também suspeito que ela não tenha o anseio de suspender o tempo, de cristalizar um momento e torná-lo eterno. Pelo contrário, é o fluir das coisas que atrai seu olhar, o fluir que define o movimento incessante das ondas, a dinâmica que transforma a terra em cerâmica, as reações químicas, previsíveis e, contudo, incontáveis que o fogo provoca nas peças. Muitos dos materiais que ela utiliza, como a cera ou o vidro, são passíveis de novas transformações e permanecem, nesse sentido, num estado de eterna potência. São sólidos no nosso tempo, no ritmo da vida como a conhecemos, mas talvez em outro tempo sejam fluidos, ou até líquidos. No tempo das sedimentações, dos fósseis, das camadas geológicas, o vidro talvez não seja nem vidro, mas areia de sílica que, por alguns instantes, cedeu ao fogo para se tornar garrafa, janela ou, agora, a couraça transparente que reveste um esqueleto pulsante de cerâmica. E, nesse mesmo tempo

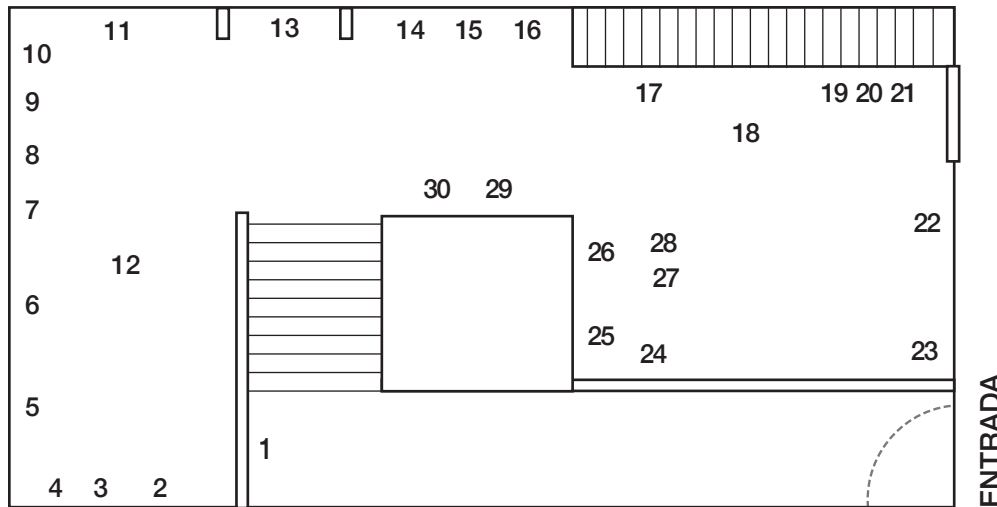
dilatado, o esmalte que recobre outras peças talvez ainda não exista, porque primeiro terá que ser pedra, ou mineral, ou concha de ostra como as que Anália foi buscar um dia do outro lado da ilha, depois queimou, moeu, voltou a queimar e finalmente misturou em alguma poção alquímica e venenosa que deixou sua cerâmica escura, densa, brilhante, inquieta. Essas relações tão distintas com o tempo — por um lado, a vontade de suspendê-lo, por outro, a de se imergir nele e fluir com ele — se dissolvem na constatação de que há no trabalho das duas uma vibração análoga, uma espécie de ruído de fundo que não vem, suspeito eu, das obras em si, mas da maneira como Ana e Anália estão no mundo, de como se relacionam com o mar, o céu, a areia, a terra, da maneira como caminham, das pedras ou dos galhos que recolhem em suas derivas. Não é por acaso que é exatamente no gesto de coletar, tomar emprestado do mundo por um tempo algo que não pertence a ninguém (e que, em algum momento, vai voltar a não pertencer a ninguém), que a prática das duas mais se aproxima. Ana apoia delicadamente sobre mesas de madeira clara e crua uns galhos que parecem conversar silenciosamente entre si, uns toquinhos de madeira, umas pedras. Pouco distante, uma camada de cera de soja abraça delicadamente os fragmentos de rochas, azulejos, plástico e outros materiais que Anália recolheu em rios e praias de Ilhabela. Quando a maré começa a baixar, é comum que o brinquedo com que o que o mar se divertia até aquele momento — deixando-o na areia e voltando a pegá-lo na onda seguinte — fique ali, à espera, no limite extremo da entremarés, essa área que não pertence nem ao mar nem à terra, ou que pertence um pouco aos dois. Não vai demorar: daqui a pouco o mar sobe de novo e pega o brinquedo de volta. Esta exposição é um pouco assim: um hiato, o tempo suspenso, e ao mesmo tempo o fluir incessante do tempo.

Jacopo Crivelli Visconti

10.05.25 - 14.06.25

MAPA DA EXPOSIÇÃO

GALERIA
MARILIA
RAZUK



1. ANÁLIA MORAES
(11148)
Escudo, 2024
Escultura em cerâmica e vidro
30 x 50 x 12 cm

2 - ANA SANT'ANNA
(11144)
Retidão, 2025
Óleo sobre tela
30 x 40 cm

3. ANÁLIA MORAES
(11163)
Coleção Instável n.1, 2025
assemblage cera de soja,
alumínio e objetos variados como
madeira, rochas, azulejos, plásticos
e outros materiais recolhidos dos
rios e praias de Ilhabela
100 x 70 x 1 cm

4. ANA SANT'ANNA
(11139)
Morada, 2025
Óleo sobre tela
25 x 25 cm

5. ANA SANT'ANNA
(11171)
Baía, 2025
Óleo sobre tela
24 x 30 cm

6. ANÁLIA MORAES
(11162)
Sem título, 2025
Escultura
85 x 75 cm

7. ANA SANT'ANNA
(11145)
Sussurro, 2025
Óleo sobre tela
35 x 27 cm

8. ANA SANT'ANNA
(11194)
Unum, 2025
Óleo sobre tela
30 x 30 cm

9. ANÁLIA MORAES
(11150)
Paisagem sensível, 2025
Escultura em cerâmica
41 x 32 x 3 cm

10. ANA SANT'ANNA
(11195)
Lucidez, 2025
Óleo sobre tela
30 x 30 cm

11. ANÁLIA MORAES
(11147)
Eco celular, 2024
Escultura em cerâmica e vidro
23 x 125 x 1,5 cm

12. ANA SANT'ANNA
(111200)
Escuta, 2025
Galhos, sementes, conchas,
pedras, vidros rolados, folha seca,
osso, caderno, tampo de madeira,
oito tijolos
8,5 x 144 x 210 cm

13. ANA SANT'ANNA
(11173)
Começo, 2025
Óleo sobre tela
30 x 30 cm

14. ANÁLIA MORAES
(11192)
Paisagem sensível VIII, 2025
Escultura em cerâmica e prata
41 x 32 x 3 cm

15. ANA SANT'ANNA
(11172)
Chegada, 2025
Óleo sobre tela
30 x 24 cm

16. ANÁLIA MORAES
(11158)
Paisagem sensível VI, 2025
Escultura em cerâmica,
vidro e concha de ostra
41 x 32 x 3 cm

17. ANA SANT'ANNA
(11140)
Mensagens do passado, 2025
Óleo sobre tela
27 x 35 cm

18. ANÁLIA MORAES
(11193)
Sem título, série Embriões, 2025
Escultura em cerâmica
45 x 29 x 12 cm

19. ANA SANT'ANNA
(11141)
Rios do tempo, 2025
Óleo sobre tela
30 x 20 cm

20. ANA SANT'ANNA
(11146)
Pósterio, 2025
Óleo sobre tela
35 x 27 cm

21. ANA SANT'ANNA
(11196)
Terra fossilizada, 2025
Óleo sobre tela
30 x 24 cm

22. ANÁLIA MORAES
(11161)
Sem título, 2025
Escultura
30 x 90 cm

23. ANA SANT'ANNA
(11024)
Maré, 2021
Pigmento mineral sobre papel
41 x 21 cm cada
Edição: 2/5

24. ANÁLIA MORAES
(11151)
Paisagem sensível, 2025
Escultura em cerâmica
41 x 32 x 3 cm

25. ANA SANT'ANNA
(11199)
Selene, 2025
Óleo sobre tela
30 x 24 cm

26. ANÁLIA MORAES
(11149)
Costela n.11, 2024
Escultura em cerâmica e vidro
30 x 50 x 12 cm

27. ANÁLIA MORAES
(11160)
Água Dura n.3, 2023
Escultura em silicone, cerâmica
e vidro
35 x 30 x 60 cm

28. ANÁLIA MORAES
(11198)
Água Dura n.4, 2023
Escultura em cerâmica e vidro
49 x 30 x 60 cm |

29. ANA SANT'ANNA
(11143)
Miríade, 2025
Óleo sobre tela
30 x 30 cm

30. ANÁLIA MORAES
(11197)
Paisagem sensível IX, 2025
Escultura em cerâmica e madrepérola
41 x 32 x 3 cm